

O estranho demônio e o familiar: dimensionamento da angústia em *Das Unheimliche*

Por Maura Jeanne Santos Teixeira¹

Resumo

O presente artigo pretende realizar uma revisão teórica acerca do que é estranho, demoníaco e ao mesmo tempo familiar, em Sigmund Freud, em seu artigo *Das Unheimliche*. No decorrer do trabalho desenvolver-se-á um paralelismo onde se articulam a lógica freudiana acoplada à lógica lacaniana em torno do dimensionamento da angústia. Logo, Freud evidencia a literatura como um recurso primordial para o estudo do estranho/familiar em sua obra, reiterando a importância da filosofia existencialista, da arte, da religião como recurso de tratar o vazio deixado pela angústia.

Palavras chave: Estranho, Angústia, Familiar, Literatura.

Resumen

Este artículo pretende realizar una revisión teórica de lo extraño, demoníaco y al mismo tiempo familiar, en Sigmund Freud, en su artículo *Das Unheimliche*. En el transcurso del trabajo se desarrollará un paralelismo donde la lógica freudiana acoplada a la lógica lacaniana se articula en torno al dimensionamiento de la angustia. Por tanto, Freud destaca la literatura como recurso primordial para el estudio de lo extraño / familiar en su obra, reiterando la importancia de la filosofía existencialista, el arte y la religión como recurso para afrontar el vacío que deja la angustia.

Palabras clave: Extraño, Angustia, Familiar, Literatura.

Abstract

This article intends to carry out a theoretical review about what is strange, demonic and at the same time familiar, in Freud, in the text *Das Unheimliche* (1919). Freud starts from the different meanings of the German word *Heimlich* (familiar), to point out its ambivalence. Hence, the objective is, therefore, to facilitate a broad understanding of the genesis of anguish, since finding what determines this affect is a theoretical work of great relevance. Therefore, a parallel between Freud and Lacan is sought with regard to

¹ Graduada em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Macaé (FAFIMA). Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF) –Niterói. Mestre/Magíster en Psicoanálisis en la Universidad John Kennedy e Doutoranda em Psicologia por la Universidad en Ciencias Empresariales y Sociales (UCES) – Buenos Aires. Atua na clínica psicanalítica – Clínica Aquarela –Ihabela/SP. E-mail: maurajeanne@hotmail.com

the immanence of anguish as a constitution of the subject.

Keywords: stranger, anguish, familiar, literature.

Introdução

A angústia, como lhes disse, está ligada a tudo o que pode aparecer no lugar (-φ). O que nos assegura isso é um fenômeno do qual se pode dizer que foi por lhe termos dedicado muito pouca atenção que não chegamos a uma formulação satisfatória, unitária, de todas as funções da angústia no campo da nossa experiência. Esse fenômeno é o da *Unheimlichkeit*.

(Lacan, 2005)

Entre os males da alma contemporâneos, a angústia se apropria e dá luz ao seu lugar de destaque. Afirma-se que é na relação do afeto da angústia com o aprendizado do estranho que podemos refletir de um só depois da angústia, de um “tempo” que evoca o corpo fragmentado no desamparo, que ressurge como condição da produção humana, como traço da experiência humana.

Hodiernamente, ainda que o tempo emoldure os escritos da filosofia clássica como no tratado “*De Tranquillitate Animi*” (63 d.C.), de Sêneca, também na filosofia medieval cristã, através dos dilemas da fé, na filosofia existencialista moderna, nas artes, em geral, há narrativas que fazem inferência a esse afeto. Daí que Freud teve um trabalho minucioso em seu texto “O estranho” (1919) ao resgatar as referências para discutir a participação delas na formação desse conceito, enfatizando-se as obras literárias.

Freud apropria-se, alegoricamente, dos textos de *Hoffmann* e comenta de forma inusitada os trabalhos de *Schnitzler*, *Schiller*, *Shakespeare*, *Jentsch*, *Schelling* entre outros. Entretanto, identifica-se em “O estranho” (1919), um desvio do uso da literatura na investigação analítica, por onde passa uma abordagem ampliada da estética. Diante do acercamento com a etimologia, enfatiza-se a natureza indizível desse conceito e sua dinâmica psíquica, a qual se desdobra entre o não reconhecido com o conhecido. O que se torna evidente é que emerge três dimensões correlatas e indissociáveis: a psíquica, a cultural e a heurística, cada uma delas remetendo a um sentido do demoníaco em Freud.

Kierkegaard (2013) consegue esboçar em seu texto: “O conceito de angústia”, uma teoria do homem como Self, um *Eu* como si-mesmo.

[...] A angústia é uma impotência feminina, na qual a liberdade desmaia, em termos psicológicos, a queda sempre ocorre na impotência; mas ao mesmo tempo a angústia é a coisa mais egoísta que

há, e nenhuma expressão concreta da liberdade é tão egoísta como a possibilidade de qualquer concreção. Isto é, uma vez mais, o elemento que oprime, que determina a relação ambígua do indivíduo, de simpatia e antipatia. Na angústia reside a infinitude egoísta da possibilidade, que não tenta como uma escolha, mas angustia, insinuante, com sua doce ansiedade. (*Ibid.*, p.66)

Já o filósofo *Heidegger* (1927/1988, p.257) clarifica que a angústia não é um sintoma ou uma condição patológica, é um estado fundamental da existência humana, que aproxima do ser humano a sua condição de precariedade e provisoriedade. Ele reitera esse estar à frente como: “o ser da pre-sença diz preceder a si mesma por já ser em (no mundo) como ser junto a (os entes que vêm ao encontro dentro do mundo)”.

Em contrapartida, Freud (1926) em seu texto: “Inibições, sintomas e angústia” declara que foi investigando as neuroses atuais que, pela primeira vez, defrontou-se com o problema da angústia. Daí que suas primeiras apreciações sobre a mesma se encontram em seu primeiro artigo sobre a neurose de angústia (1895) e no memorando acerca do assunto que enviou a Fliess, provavelmente no verão de 1894, no Racunho E - (1950 [1892-1899]).

No início do século XX, a angústia ainda não existia enquanto categoria nosológica específica, embora contasse como um dos principais sintomas de quadros neuróticos como a histeria e a neurastenia. Sendo assim, desde os primórdios do nascimento da psicanálise, Freud prestou honrosa atenção ao propor, em artigo dedicado, à categoria nosológica da “neurose de angústia”. Portanto, esse quadro neurótico perdeu enfoque em sua obra posterior, (1926/1996), mas não o afeto da angústia, que é analisado em muitos de seus textos e, inclusive, vem a ser posicionado como o fenômeno fundamental e o problema central das neuroses para a psicanálise.

Jacques Lacan (1962-63, p.51) pergunta-nos quando surge a angústia: “A angústia surge quando um mecanismo faz aparecer alguma coisa no lugar que chamarei, para me fazer entender, de natural, ou seja, o lugar (- (p), que corresponde, do lado direito, ao lugar ocupado, do lado esquerdo, pelo objeto *a* do objeto do desejo”. Ele quando se refere a “alguma coisa”, quer dizer coisa qualquer, sem nenhuma especificidade.

Para abordar a questão da angústia como eixo indispensável, lança-se mão do texto de Freud – “O estranho” (1919) ‘*das Umheimliche*’, – já Lacan em seu seminário “A angústia” (1962-63, p.51) reitera que

“a *Unheimlichkei*² é aquilo que aparece no lugar em que deveria estar o menos-phi. Aquilo de que tudo parte, com efeito, é a castração imaginária, porque não existe, por bons motivos, a imagem da falta”.

Nunes (1986, p.110) diz que “a angústia situa-nos no mundo, que se torna infamiliar e inóspito. Angustiar-se é não mais nos sentirmos em casa”. Desse modo, o homem busca ininterruptamente, no seu corriqueiro viver, estar a salvo do desamparo da angústia. É aí, nesse lugar, que ele mergulha nas solicitações do mundo e aplaca a sua dor com suas tarefas, compromissos e relacionamentos de modo geral.

Freud (1919) discorre sobre um conto fantástico de E.T.A. *Hoffmann*, (1996) -“O homem de areia”, o qual lhe deixou bastante afetado. A partir deste conto, Freud investiga este sentimento de estranheza, pavor e medo, que ele percebe se mostrar momentaneamente no cotidiano de cada um. Daí que, astutamente, arrisca-se em referir-se ao estranho efeito do “Homem de Areia”, à angústia pertencente ao complexo de castração da infância. Quando Freud começa a testar sua ideia de que existe no estranhamento um retorno do recalado e a descobrir que nem tudo no estranhamento é retorno, percebe que há um tipo de repetição que ultrapassa a lógica do retorno do recalado. Daí que se conecta este texto de 1919 com o texto subsequente de 1920, que marca uma revisão na teoria das pulsões – “Além do princípio de prazer”.

Por um lado o “*das Umheimliche*” está ligado a esse prenúncio da pulsão de morte anunciado pela teoria da repetição e que está ligado à teoria das negações, no texto – “A negativa” de 1925, e, também, a uma proposta, uma espécie de revisionismo do totemismo pelo próprio Freud. Ele pontua que existem formas poéticas de estranhamento, quando argumenta que há formas que colocam o conflito de julgamentos e não, simplesmente, uma recusa da realidade como referência para essa experiência do estranhamento. Sendo assim, o texto – “O estranho” – (1919) além de ter contribuído no campo da estética, trouxe benéficas considerações que perfazem a formação de um psiquismo no qual o *Eu* assume a função de desconhecimento.

Logo, a angústia, ao alcançar a sensação de estranheza e de infamiliaridade, do não se sentir em sua própria casa, pode apaziguar o ser-aí, o estar no mundo e se tornar livre para reconhecer a si mesmo.

² No texto de Freud, “*die Krone der Unheimlichkeit*”, literalmente “a coroa da infamiliaridade”.

A estética da estranheza e o demônio como mensageiro do desejo

O que deveria ficar oculto e veio à luz? Esta é uma pergunta que traz em seu bojo inquietantes formulações que Freud, há pouco mais de 100 anos, estranhamente, assistia com horror a deflagração da Primeira Guerra Mundial, a crise do pós-guerra e o enfrentamento da pandemia da Gripe Espanhola. Daí que Freud, (1919) ao se dedicar ao tema da estética da estranheza em *das 'Unheimliche'* (O estranho, O inquietante ou O infamiliar), afirma que é muito atípico um psicanalista se debruçar sobre esse tema, quando por estética se entende uma maior abrangência do que a teoria da beleza, mas a tudo que venha a se relacionar com as qualidades do sentir.

Desse modo, Freud em seu texto (1919) reluz sobre a labiríntica e heterogênea rede de referências literárias, onde fundamenta toda a sua tese em prol da construção do conceito do estranho, demônio e familiar. Daí que é importante nomear o caráter interdisciplinar que a psicanálise faz com outras áreas, principalmente a literatura, quando, em seguida, questiona-se a importância dessas referências para a discussão do sentimento do estranho, enquanto qualidades do sentir.

Em Obras Incompletas de Sigmund Freud – O Infamiliar – [*Das Unheimliche*] – Edição Bilingue (2019, [1919], p.110) aparece uma citação retirada de uma grande obra de Dostoiévski: “Os estranhos demônios não estão mais fora de nós, não chegam a nós vindos de fora, mas, ao contrário, habitam-nos”. Então, ao nos referirmos ao Demônio Maligno, sabemos que ele é acatado como a antítese de Deus e, contudo, está intimamente ligado em sua natureza. A razão disso é que a figura do demônio não foi muito estudada por questões preconceituosas e abomináveis. Daí que nem todas as religiões consideraram o Espírito Maligno como algo a se fazer presente na vida do indivíduo e, por isso, permanece até os dias de hoje no obscurantismo. Diante disso, Freud em seu texto – “O Demônio como substituto paterno” (1923[1922], p.51) infere que “os deuses podem transformar-se em demônios maus quando novos deuses os expulsam”. A explicação reside na afirmação de quando um determinado povo foi conquistado por outro, seus deuses combatidos se transformam em demônios aos olhos dos desbravadores. Daí que Freud (*Ibid.*, p.51) infere que “o demônio mau da fé cristã – o diabo da Idade Média foi de acordo com a mitologia cristã, ele próprio um anjo caído e de natureza semelhante a Deus”.

É quando Freud, em seu texto original (1919), permite-nos que reverbere em várias direções as múltiplas traduções para o *das 'Unheimliche'*, com um inigualável esgotamento da leitura, por infinitos ângulos e, através de, uma extraordinária riqueza. Mas o que deveria ficar oculto e veio à luz reflete com a operação psíquica que produz o afeto da angústia, esse sentimento de estranheza, esse infamiliar que irrompe como um desmonte, uma total perplexidade.

Extraordinariamente inquietante, “O estranho/infamiliar” é um texto fragmentado, contínuo e inesperado e, que camufla ao leitor uma direção, um fio condutor, ou mesmo um apoio acerca de seus propósitos fundamentais, produzindo no leitor o efeito que ele próprio descreve.

O psicanalista apenas raramente se sente estimulado a investigações estéticas, mesmo que ele não restrinja a estética à doutrina do belo, mas a descreva como a doutrina das qualidades do sentir. (Freud, *Op. cit.*, p.125)

O que deve ficar claro é que, se há uma estética freudiana, obviamente, ou uma doutrina das qualidades do sentir, o fato é que essa mesma estética não poderia sustentar-se apenas dos conteúdos que derivam do belo, tampouco fechar os olhos sobre algo que se descortina mais além dessa função, especialmente quando se trata das moções pulsionais sublimadas e inibidas em seu objetivo.

Ao tomarmos a estética do estranho ligado à onipotência de pensamentos, (*ibid.*, p.157) “à pronta realização de desejos, a maléficos poderes secretos e ao retorno dos mortos”, percebe-se que a condição sob a qual se origina a sensação de estranheza é inequívoca. Freud pontua que em base a suas experiências psicanalíticas dirigidas à teoria do estranho é percebido que os neuróticos do sexo masculino declaram sentir, que algo estranho está posto no órgão genital feminino.

Esse lugar *unheimlich*, no entanto, é a entrada para o antigo *Heim* [lar] de todos os seres humanos, para o lugar onde cada um de nós viveu certa vez, no princípio. Há um gracejo que diz ‘O amor é a saudade de casa’; e sempre que um homem sonha com um lugar ou um país e diz para si mesmo, enquanto ainda está sonhando: ‘este lugar é-me familiar, estive aqui antes’, podemos interpretar o lugar como sendo os genitais da sua mãe ou o seu corpo.” Nesse caso, também, o *unheimlich* é o que uma vez foi *heimisch*, familiar; o prefixo ‘un’ [‘in-’] é o sinal da repressão. (*Ibid.*, p. 155)

Freud em seu texto “Uma neurose demoníaca do século XVII” (1923 [1922]) reitera que as neuroses de infância nos esclarecem que nelas podem ser percebidas a olho nu, uma gama de acontecimentos que, na fase adulta, muitas vezes se pode descobrir através de uma investigação criteriosa na clínica psicanalítica.

A nossos olhos, os demônios são desejos maus e repreensíveis, derivados de impulsos pulsionais que foram repudiados e reprimidos. Nós simplesmente eliminamos a projeção dessas entidades mentais para o mundo externo, projeção esta que a Idade Média fazia; em vez disso, encaramo-las como tendo surgido na vida interna do paciente, onde tem sua morada. (*Ibid.*, p.43)

O tema do pacto com o demônio suscita uma forma de inquirir sobre o desejo, e a essa referência fez com que Freud buscasse em Fausto, de *Goethe*, uma expressão poética das vicissitudes da luta que cada

sujeito trava com o próprio desejo. Para Freud, todos os seres humanos seriam Faustos e seus desejos Mefistófeles³, que nos chamariam a atenção com sua exigência de realização.

Ainda em relação ao texto de Freud – “Uma neurose demoníaca do século XVII”, aparece a figura do diabo metaforizando a personificação da vida pulsional inconsciente e recalçada. Freud reitera que o diabo personifica os aspectos “maus” do filho e do pai e, em especial, a inveja filial acerca da potência sexual paterna. Nos sonhos, assume ampla simbologia dos elementos recalçados da sexualidade e, mormente, dos desejos incestuosos. Ele afirma que, de todas as figuras fantásticas por ele analisadas, somente a crença na existência do diabo permanece forte na cultura contemporânea.

O enquadramento da angústia

Nada é, portanto, o que causa a angústia e nada também o que a cura. O nada angustia, e, do nada a angústia retira a sua força.

(Vieira, 2001)

Retomando o texto (1894) onde Freud relata a Fliess em seu Racunho E – “Como se origina a angústia”, aparece de forma enfática que há uma clara evidência entre a angústia de seus pacientes e a sexualidade. Desse modo, ele elenca uma quantidade de casos clínicos como: homens e mulheres, abstinentes ou não da prática do coito interrompido, mulheres virgens, frígidas, etc. Freud percebeu que, normalmente, ocorria um bloqueio de descarga responsável pelo acúmulo de tensão sexual física. Esta acumulação é explicada devido à consequência de ter sido evitada a descarga. Logo, Freud conclui que (*Ibid*, p.144) “a neurose de angústia é uma neurose de represamento, como a histeria; daí a sua semelhança; e visto que, absolutamente, nenhuma angústia está contida no que é acumulado, mas que ela surge por ser transformada pela tensão sexual acumulada”. A tensão sexual física, quando acima de certo limiar, deve ser represada psiquicamente, ou seja, deve despertar a libido psíquica na busca de soluções específicas, como levar ao ato sexual.

³ Mefistófeles, (*Goethe*), um personagem-chave em todas as versões – o diabo de Fausto (1808-1832), e também citado por Freud em *Das ‘Unheimliche’* como exemplo do fato de considerarmos sinistras as pessoas a quem atribuímos más intenções. Mefistófeles é ambivalente no caminho da maldade e acaba conduzindo Fausto para o lado oposto.

A tensão⁴ sexual física, quando acima de certo limiar deve ser represada psiquicamente, ou seja, deve despertar a libido psíquica na busca de soluções específicas, como levar ao ato sexual. No caso da neurose de angústia, a ligação psíquica é insuficiente e a tensão física, não sendo animicamente ligada, transforma-se em angústia.

Freud e Lacan estiveram muito atentos ao que tange o uso das artes e, principalmente, a literatura para dar corpo ao que foge à mera comprovação teórica. Daí que se inscrevem tanto o surgimento do das “*Umheimliche*” (Freud, 1919), quanto o desenvolvimento que (Lacan, 1962-63/1998) lhe dará, na condução do afeto de angústia. Enquanto Freud avança com a literatura para traçar o entendimento do “*Unheimlich*”, Lacan se aperfeiçoa em planejar um apólogo que se faça compreensível à experiência da angústia. O que se constata é que ambos lançaram mão do recurso à ficção, o qual foi primordial para os desdobramentos futuros. O que importa tanto a Freud quanto a Lacan é a experiência de instabilização do *Eu*.

Freud percebe a angústia como motivadora pela perda do objeto, já Lacan reitera que “a manifestação mais flagrante desse objeto *a*, o sinal de sua intervenção, é a angústia” (1962 -63/2005, p. 98). Para ele não há angústia sem a presença do objeto *a*, pois esse objeto é o que causa o desejo. Lacan pontua que “a angústia é sinal do real” (ibid., p. 178).

Freud em seu texto: “Obsessões e fobias: seu mecanismo psíquico e sua etiologia” (1895^a/1986, p.41) aclara uma constatação – (...) “no grupo das fobias, esse estado emocional é sempre de angústia”, daí que é viável pontuar que um dos caminhos para o estudo da angústia passa pela via das fobias”. A princípio, ele diferenciou as fobias em dois grupos: as de base psíquica e as fobias típicas sem base psíquica. Sendo assim, é possível compreender que a partir dessa divisão em grupos, apresenta-se o germe para outra classificação trabalhada em: as psiconeuroses de defesas e as neuroses atuais. No entanto, na categoria das neuroses atuais encontram-se as neurastenias e as neuroses de angústia.

Lacan percebe a angústia como um afeto que não engana. Com isso, ele discorre sobre o afeto como algo não recalcado, pois recalcados são os significantes que o amarram. Entretanto, esse afeto é solto e permanece à deriva. Daí que na angústia o sujeito é afetado na sua maior intimidade. Ela é “aquilo que não engana, o que está fora de dúvida” (Lacan, *Op. cit.*, p. 88). Dessa forma, ele entende que onde houver dúvida não vai pairar a angústia, pois há algo nesta que se assemelha a uma certeza aterrorizante.

⁴ É recorrente ouvir que os melancólicos são “anestésicos”. Por que essa afirmação? Eles não têm necessidade de relação sexual e tampouco a sensação correlata, mas anseiam por um amor em sua forma psíquica, erotizada. Nos casos em que esta **tensão** sexual psíquica se acumula e permanece insatisfeita estabelece-se a melancolia - (Freud, 1895 – Rascunho G: a melancolia).

Freud – a angústia, o lugar do corpo

Diante de toda a investigação minuciosa realizada por Freud, constata-se que a angústia afeta diretamente o corpo, pois é nele que emergem os sintomas. Sendo assim, Freud (1895a/1986,) enumera minuciosamente as prováveis repercussões desse acúmulo de excitação somática, a angústia no corpo que podemos descrever como: distúrbios da atividade cardíaca e respiratórios, sudorese intensa, vertigens, calafrios, entre outros. Daí que a esses fenômenos corporais, muitas vezes atrelados a um sentimento de angústia são totalmente desprovidos de simbolização.

Ao falar dos fenômenos corporais evidentes da angústia e por não estarem relacionados com o processo de recalçamento, como geralmente ocorre nos casos de sintomas neuróticos, não há como dizer que há registro de recalque pela fala. Isso se dá porque nos casos de neurose de angústia, esse afeto que transborda e aparece no corpo, afeta-o sem nenhuma exigência simbólica. Logo, é visto por uma outra ordem, diversa da formação do sintoma, simplesmente angústia.

Há, entretanto, os casos em que o afeto da angústia envolve-se na formação de sintoma, como aparece nas psiconeuroses de defesa. Não é por acaso que Freud (1985^a/1986) aproxima determinadas fobias à neurose obsessiva, acatando, nos tais casos, a presença da angústia. No entanto, Freud articula que ao se tratar de uma neurose obsessiva, há marcadamente a presença de uma representação substituta, isto é, uma formação de sintoma enquanto um “ato de defesa” (*Ibid.*, p.81) contra um estado prévio, de medo, de maneira a estabelecer um “procedimento protetor” (*Ibid.*, p.83) para mitigá-lo. Por conseguinte, é viável que se faça compreender que a defesa, no caso de neurose obsessiva, acontece contra a angústia.

Em Inibição, sintoma e angústia, Freud (1926/2014) volta a renomear a fobia de Hans, dessa vez como uma fobia histérica, deixando claro seu posicionamento de então, de que a fobia encontra-se entre as neuroses de defesa. Ele registra que a angústia faz-se aparente na fobia porque o tipo de formação sintomática em questão preserva uma de suas especificidades, a saber, o medo. Diferente do que acontece no sintoma histérico por excelência, a conversão, que praticamente elimina qualquer indício de que algo da angústia esteve presente enquanto causa.

Conforme já mencionado, Freud (*Ibid.* 2014) acata uma posição diferente da até então sustentada por ele: a angústia deixa de ser uma consequência, ou vestígio de que houve um recalçamento, passando a assumir, nas neuroses de defesa, o nível de causa. "Aqui é a angústia que gera a repressão, e não, como julguei anteriormente, a repressão que gera a angústia" (*Ibid.*, p. 43). O autor mantém a designação de que

é um afeto, mas ressalta que está claramente associado a um sinal de perigo no *Eu*, que ocasiona o recalçamento: "A postura angustiada do *Eu* é sempre o elemento primário e instigador da repressão" (*Ibid.*, p. 44). Então, a essa altura do percurso de Freud, ele já não destaca a importância da angústia somente nas neuroses atuais, como também a coloca enquanto afeto promotor do recalque nas neuroses de defesa.

Outro aspecto relevante é que Freud enfatiza o afeto da angústia enquanto sinal perante o perigo da perda de objeto, atribuindo à separação da mãe ao próprio ato de nascer, o momento de angústia primordial. Então, diante de uma nova ameaça de separação, o sinal de angústia aparece no *Eu* e promove o recalçamento do conteúdo ameaçador, fazendo da formação do sintoma uma solução para anular o perigo. Mais uma vez, o sintoma é considerado um recurso para desviar da angústia.

Segundo o que já havíamos falado, houve uma mudança em enfatizar a teoria freudiana sobre a angústia. Se, anteriormente, Freud considerou um tanto mais o estado de "expectativa angustiada" (Freud, *Op., cit.*, p. 93), típico da neurose de angústia, para suas elaborações teóricas sobre este afeto, em seus estudos posteriores, relacionou a angústia às neuroses de defesa, exatamente a partir do momento em que foi instituída a angústia de castração, enquanto primordial para as neuroses. Não obstante, constata-se que essa mudança de ênfase não implicou a restrição da constatação da existência da angústia fora de uma perspectiva das neuroses de defesa. Nas palavras de Freud (*Ibid.*, p. 111): "A transformação direta de libido em angústia, que propusemos antes, tornou-se agora menos significativa para nós. Se ainda a levamos em consideração, teremos que distinguir entre vários casos". Dessa forma, a questão supracitada permaneceu desprovida de outras investigações.

Lacan - da angústia ao desejo do Outro

Ao tomarmos o Seminário 10 – "A angústia" – (Lacan, 1962-63), percebemos um estudo focado no problema do objeto. Contudo, é um seminário anômalo porque trata o problema do objeto segundo uma abordagem que é, inicialmente, fortemente fenomenológica. Lacan tem um diálogo cruzado com *Karl Jasper*, com os seguidores de *Ludwig Binswanger* e *Heidegger*, que já estavam presentes no Seminário 9 "A identificação" (1961-62), mas, que nesse seminário 10, radicaliza porque aplica o problema de um objeto não identitário, que é o objeto *a*. Ele fala de uma hipótese que esse objeto seria o objeto da angústia. O autor faz um reparo, uma modificação na tese corrente mais ou menos freudiana, de que a angústia se distingue do medo, porque o medo possui o objeto fóbico e a angústia é então quando se perde, não se tem mais esse objeto, no mundo. Isso volta na forma de uma libido desligada de representações que aparece fenomenologicamente como angústia.

A angústia é um afeto e como afeto é um predicado, ou seja, uma função do *Eu*. Então Lacan se encontra em “maus lençóis”, porque ele tem que enfrentar a filosofia da consciência e a teoria do *Eu*. Daí que ele vai operar pela via do objeto, que vai rerepresentar como uma nova teoria da angústia. Logo, a angústia não é sem objeto, esse “não sem” é, importantíssimo, porque remete a um modo de abordagem do objeto. Seria a rigor incorreto, dizer assim: a angústia tem um objeto, este objeto *a*, o qual é problemático porque subverte o próprio conceito de objeto, devido a esse não ter especularidade, espaço e tempo e, por incidir de forma diferencial no imaginário, no simbólico e no real.

No Seminário 10, A Angústia – Lacan faz referência a duas obras notáveis do pintor espanhol, Francisco de Zurbarán⁵ – “Santa Luzia” e “Santa Ágatha”, duas mártires cristãs que tiveram os seios e olhos arrancados de seus corpos, por elas mesmas. Lacan toma esses dois exemplos para demonstrar o que ele chama de objeto *a*. Daí ele reitera em seu seminário, que o objeto *a* pode aparecer de forma positivada. E o que isso quer dizer? Essa positivação é algo da ordem do imaginário, no sentido em que ele próprio “desenha” o imaginário no nó borromeano, uma propriedade do corpo.

Lacan ao longo de seu seminário 10 faz qualificações à angústia, assim como: emoção, aturdimento e inibição na vertente do imaginário; fala também da angústia como sintoma, impedimento e *acting out* no simbólico e fala do embaraço, a passagem ao ato e a angústia propriamente dita no real.

Sendo assim, o modelo que Lacan coloca no começo de seu seminário, mas que perde força ao longo da obra, refere-se a questões relativas à demanda e desejo. Daí que ele demonstra como essa relação não se emparelha, à medida em que critica a noção de identificação ao objeto.

Para aclarar a relação da angústia com o objeto *a*, Lacan engendra o esquema da divisão subjetiva, retomando o momento mítico em que o “sujeito de gozo” - *S* sem a barra (*ibid.*, p. 192) - encontra-se com o Outro, lugar do significante - *A* sem a barra. Simplesmente, a partir desse encontro traumático com a linguagem, como pressuposto nesta operação de divisão, aparece o real que não se encontra exterior à realidade discursiva, pois ele se apresenta como o oposto dessa realidade. Então, o sujeito barrado pode aparecer, pois é devido a esse encontro que pode haver uma perda de gozo, instalando o lugar da falta. Diante dessa afirmação, existe um resto não significantizável, que é o objeto *a*.

⁵ “Quando lhes falei dos seios e dos olhos, a partir de Zurbarán, Luzia e Ágata, será que vocês não se impressionam com o fato de esses objetos *a* se apresentarem ali sob forma positiva”?
Lacan, Jacques. O Seminário, Livro 10, a angústia [1962-1963]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 194).

"Aquilo de que se trata é nossa relação angustiada com um objeto perdido, mas que certamente não está perdido para todo mundo", diz Lacan (*ibid.*, p. 74). Em vista disso, quando o processo de divisão subjetiva falha e o objeto *a* não é encontrado como resto, o que ocorre é que deixa de ser, favoravelmente, extraído para então, tornar-se intolerável a sua presença em forma de gozo.

Desse modo, pode-se pensar a angústia como que afeita à presença do objeto, isso ocorre muito mais vezes do que com a sua falta. Então, Lacan enfatiza que o lugar vazio, do objeto doado, na constituição subjetiva de todo sujeito é um lugar privilegiado, pois é necessário que seja protegido para que o desejo seja preservado. Logo, caso não aconteça, a angústia se faz sentir como sinal do real.

Conclusão

Freud em seu texto (1919) levanta com profunda acuidade várias hipóteses em torno do estranho/infamiliar e, talvez, aquilo que é refutado no estranho desperte como uma fúria na intenção de ser ressignificado, transformado. O que se pode apreender disto é observar o fenômeno do estranho, como se a nossa sombra fosse levada à consciência. Ana Maria Mello (2012) explica-nos "o ego projeta para o mundo exterior aquilo que rejeita em si mesmo, percebido como algo estranho (*Unheimlich*: não familiar) e perigoso".

Já Lacan percebe a angústia como elemento fundamental na constituição subjetiva e, desse modo, na constituição do desejo neurótico. A angústia apresenta-se como momento lógico e anterior à constituição do desejo, sendo *sine qua non* a essa estruturação. Ele localiza-a no lugar entre o gozo e o desejo, num patamar em que o objeto *a* surge enquanto representa o sujeito em seu real inflexível. A posição de angústia se dá quando o Outro aparece ao seu lado, barrado e faltoso, pois antes do sujeito emergir encontra-se o objeto *a*. Daí Lacan pontua que, em frente a um Outro desejante, o sujeito sempre estará numa condição de objeto do desejo para esse Outro.

O estranho é, enfim, o paradigma da angústia sinal, onde a princípio foi teorizada por Freud. Este estranho sinaliza o sujeito no que concerne a um perigo: como o bebê ao nascer em sua posição passiva e desamparada de objeto para o desejo e, também, para o gozo da mãe.

De aí por diante, assim com o estranho e a angústia, como também o horror enquanto gênero de ficção fantástica, surgem de forma privilegiada no âmbito da visão, daquilo que assusta por se dar a ver. Em "O Homem de areia" de Hoffmann e outros contos de horror, o estranho traz à tona toda a força óptica da angústia – angústia ocular (*Augenants*) – seja pela constatação apavorante da diferença sexual em Freud, seja por meio do olhar faminto do Outro em Lacan. Ademais, como o efeito horrendo aparece dentro de

uma cena, podemos concluir que, mesmo a angústia pertencendo ao registro do real, ela somente surge dentro do dimensionamento de uma fantasia construída inconscientemente para encobrir a castração da mãe para Freud, ou a inconsistência do Outro para Lacan.

Deste modo, assim como dizia *Schelling*, o *unheimlich* é a repentina aparição daquilo que, atribuído a ficar oculto, veio à luz. Freud discorre sobre o retorno dos complexos e crenças infantis recalçados. Lacan fala sobre a aparição indevida do objeto *a*, quando o sujeito é confrontado ao desejo do Outro. Se o desejo do sujeito e o desejo do desejo do Outro, ou melhor, se o sujeito deseja ser objeto de causa de desejo para o Outro, em última análise ele torna-se objeto *a* ao desejar e ao ser desejado. Mas dessa posição ele recua horrorizado, pois a cessão do objeto *a* demanda sua castração simbólica. Sem ceder o objeto *a* aparece onde não deveria, ou seja, no lugar da castração imaginária. O objeto *a* é fonte de horror, de trauma e de sentimento de *unheimliche*.

Referências

Goethe, J. W. (1948). *Fausto*. Rio de Janeiro. W. M. Jackson Inc.

Freud, S. (1895a). *Obsessões e fobias*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

_____. (1895b). Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada "neurose de angústia". Rio de Janeiro: Imago, 1986.

_____. (1894). As Neuropsicoses de Defesa. In: Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1913). Totem e Tabu. In: Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud). Rio de Janeiro: Imago, 1966.

_____. (1919). O estranho. In: Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud). Rio de Janeiro: Imago, 1966.

_____. (1920). Além do princípio de prazer. In: Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1923). Uma neurose demoníaca do século XVII. In: Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1925). A negativa. In: Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1926). Inibições, sintomas e angústia. In: Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas

Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Heidegger, M. (1988). Ser e tempo (v. I). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1927).

_____. (1989). Ser e tempo (v. II). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1927).

Hoffmann, E.T.A. (1996) Contos sinistros. In: CESAROTTO, Oscar. No olho do outro. São Paulo: Iluminuras.

Kierkegaard, A, Soren. (2013). O conceito de angústia. Editora Vozes, 3ª edição. Petrópolis.

Lacan, J. (1954-1955). O seminário, livro 2: O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

_____. (1962-1963). Seminário, livro 10: A angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. (1961 – 1962). Seminário 9 – A identificação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

Mello, L. M. A. (2012). As faces do duplo na literatura. In: Indursky, F; Reyes, Y. Ler e brincar: tecer e cantar. Literatura, escrita e educação. Trad. Rodrigo Petrônio. São Paulo; Pulo do Gato, 2012, p. 122.

Nunes, B. (1986). Passagem para o poético. São Paulo, SP: Ática.

Fecha de recepción: 8 de julio de 2021

Fecha de aceptación: 14 de agosto de 2021